

**NIEP
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Marx e América Latina: permanências culturais e projeto revolucionário			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Fernando Vieira	Instituto Universitário de Pesquisas do rio de janeiro	IUPERJ	Professor
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O presente trabalho tem como proposta refletir acerca da influência do marxismo na América Latina, em especial, na construção de um projeto cultural, notadamente na educação.</p> <p>A emergência da Revolução Cubana no início dos anos 1960 resultou numa ampliação do ideário revolucionário com a percepção de que a transformação revolucionária transcendia a esfera política e econômica, incorporando também o Campo cultural.</p> <p>A América Latina vivenciou então, um período fértil em experiências culturais centradas no marxismo e, que buscavam construir um ator político consciente de seu papel histórico e crítico ante a sua realidade social. Educar para a transformação social e produzir uma arte crítica eram metas almejadas pelos marxistas latino-americanos do período.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Cultura; Revolução; Transformação			
ABSTRACT			
<p>The present work has as proposal reflect about the influence of marxism in Latin America, in particular, in the construction of a cultural project, notably in education. The emergence of the Cuban Revolution in the early 1960s has resulted in a widening of the revolutionary ideals with the perception that the revolutionary transformation transcended the political and economic spheres, incorporating also the cultural Field.</p> <p>Latin America experienced then, a fertile period in cultural experiences centered on marxism, and that sought build a political actor aware of its historical role and critical ante their social reality. Educating for social transformation and produce an art criticism were goals desired by Marxist Latin Americans of the period.</p>			
KEYWORDS			
Culture; Revolution; Transformation			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo e Revolução na América Latina			

Marx e América Latina: permanências culturais e projeto revolucionário

1. APRESENTAÇÃO

Ao longo de sua produção teórica, Marx não buscou efetivar estudos amplos acerca do papel da América Latina no processo de constituição e consolidação da sociedade capitalista. Somente após 1879, 4 anos antes de sua morte, Marx vai buscar realizar algumas reflexões sobre a sociedade latino americana.

Entretanto, já em 1858, Marx publicou no *The New American Cyclopedia* um verbete sobre a vida de Simon Bolívar e sua luta contra a Espanha. Sem entrar nos méritos da obra, Marx produz um texto descritivo sobre a participação de Bolívar no processo de independência, sem, no entanto, analisar efetivamente o processo que resultou na formação de novos estados no mundo ocidental. Raro momento de reflexão no texto nos aponta o olhar crítico sobre o que acontecera na região, ao realçar o caráter despótico de Bolívar, associando-o à figura de Napoleão Bonaparte.¹

Sem ampliar análises sobre o continente, Marx inseriu-o no contexto de expansão do capitalismo britânico, apontando o papel periférico da região enquanto fornecedora de matéria-prima e consumidora de bens manufaturados e de capital.

Não é a meta do presente trabalho, debater a leitura de Marx acerca da América Latina, mas sim apontar, nesse primeiro momento como a preocupação do autor transcendia uma efetiva compreensão acerca da realidade da região em seu processo de emancipação e de constituição de estados nacionais.

Por outro lado, Marx deter-se-á com maior atenção no papel da arte na sociedade burguesa. Ao estudar a produção literária, por exemplo, Marx nos aponta como que a produção artística não se desvincula da produção material de uma determinada conjuntura histórica. Nesse sentido, a obra de Daniel Defoe (1660-1731), *Robinson Crusoe*, deveriaser lido como expressão de uma

sociedade da livre concorrência, em que o indivíduo aparece livre de laços naturais, etc., que nas épocas históricas anteriores faziam dele um elemento pertencente a um conglomerado humano, determinado e circunscrito.²

Sociedade e arte. Cultura se materializando no contexto das relações sociais de produção. Marx rompe a compreensão de que a produção cultural se traduzia na vontade individual do autor,

¹ Marx. SimonBolívarin: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1858/mes/bolivar.htm>. Copiado em 01/05/2012

² - MARX, K. e ENGELS, F. **Escritos sobre arte**. Barcelona, Península, 1969, p. 89.

distanciada do mundo em que inseria o mesmo. Neutra, sem expressar valores de uma determinada classe social, em geral, a que se encontrava no controle do Estado e da economia. Por isso mesmo, ao apresentar o Manifesto Comunista para o público italiano, Engels proclamava:

O fim da Idade Média feudal e o início da era capitalista estão marcados por uma figura gigantesca: a de um italiano, Dante, que foi ao mesmo tempo poeta da Idade Média e o primeiro poeta moderno. Hoje, como em 1300, uma nova era histórica nasce. Nos dará Itália o novo Dante que assinale a hora do nascimento desta era proletária?³

A apreensão dos textos de Marx na América Latina ocorreu num contexto delicado e contraditório. Na própria Europa, os textos de Marx encontraram barreiras para sua difusão e, muitas vezes, eram lidos sobre a ótica de leitores oriundos do movimento anarquista, em especial na Espanha, que buscavam aproximar a interpretação dos textos ante sua própria experiência política.

Um marxismo mecanicista, economicista e pouco dialético brotou diante dessas leituras e dessa forma foi trazido para a realidade latino-americana. Limitações teóricas dificultavam a compreensão da originalidade do pensamento de Marx, especialmente, no que tangia a interpretação do significado da alienação e da dialética. Some-se a essa dificuldade a realidade social latino-americana: colônias que no processo de emancipação excluem as camadas populares, notadamente negros e indígenas, formando um mosaico social caracterizado pela exclusão social, cultural e política.

Entretanto, assim como na Europa, o pensamento marxista se consolidou e soube se adaptar à realidade latino-americana se apresentando como um polo fecundo e renovador de ideias no campo cultural e na educação. Debater a permanência da influência do marxismo no plano cultural, destacando-se a educação o objetivo precípua desse trabalho.

2-Refletindo sobre educação: Marx e a emergência de uma educação revolucionária

Marx vê a educação como um mecanismo reprodutor de valores centrados na competitividade, na hierarquização, na valorização da individualidade. Uma educação burguesa voltada para a reprodução do mundo burguês. Uma educação que reproduz os valores que estruturam a sociedade. O próprio Marx realça essa leitura ao afirmar que os

³ - Ib.id. p. 88.

pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual⁴.

Nesse sentido, a educação não pode ser vista como necessariamente um espaço revolucionário na medida em que a

doutrina materialista que pretende que os homens são produtos das circunstâncias e da educação, e que, conseqüentemente, homens transformados sejam de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador precisa ser educado⁵

ainda que vinculada a um projeto de mundo, a educação assumiria na sociedade capitalista a feição de um negócio, em especial, se ligada ao setor privado. Independente da dicotomia trabalho material / imaterial, para Marx, a educação serviria ao propósito da reprodução capitalista mediante a obtenção de mais-valia. Nesse sentido, vale ler a seguinte afirmação de Marx:

Se for permitido escolher um exemplo fora da esfera da produção material, então um mestre-*escola é um* trabalhador produtivo se ele não apenas trabalha as cabeças das crianças, mas extenua a si mesmo para enriquecer o empresário. O fato de que o último tenha investido seu capital numa fábrica de ensinar, em vez de numa fábrica de salsichas, não altera nada na relação⁶.

A escola seria, portanto, um espaço de reprodução dos valores capitalistas. A transformação da sociedade se emancipando do trabalho sob a ótica capitalista permitiria a própria transformação

⁴ - MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã** vol.1. Lisboa e SP: Editorial Presença / Martins Fontes, s/d, p.56/57.

⁵ - MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. SP: Martins Fontes, 1998, p. 100.

⁶ - MARX, Karl. **O Capital**. Vol.1 tomo 2. SP: Abril, 1984, p. 106.

da escola que vivenciaria

uma mudança das condições sociais para criar um sistema de ensino correspondente, e, por outro lado, é necessário ter um correspondente sistema *de ensino para poder mudar as condições sociais*⁷.

A escola se transformaria com a própria transformação do homem rompendo com o processo de reificação de si mesmo enquanto mão de obra para o capital. Tornando um mero objeto, o trabalhador vê sua própria humanidade ser negada pela necessidade de se inserir no capitalismo enquanto detentores de um objeto. A negação da sua própria humanidade não ocorre somente na sua inserção na esfera produtiva. Tudo que nos é humano perderia seu sentido primevo, tudo seria transmutado ante a lógica do mercado, o próprio homem veria o olho perder a função de olhar, o paladar deixar de ser associado ao sabor, etc.

A vida humana tornar-se-ia um mero caminhar objetivando a posse de um bem, um objeto, uma mercadoria. Ter a propriedade mudaria a essência humana, para Marx a

propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é nosso [objeto] se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habitado por nós etc., enfim usado. (...) o lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter⁸.

Viveríamos um mundo centrado numa única pulsão, uma única sensação, a de possuir e, com isso, nossa vida se resumiria a um único sentido, que iria ser

reduzida ao impulso único de possuir, isto é, na medida em que a plenitude corpórea de homens e mulheres é reduzida ao simples ato de suprir as suas necessidades elementares, faz sentido afirmar *a ocorrência, nesse nível, de uma ruptura da vida sensível*⁹.

⁷ - Atas do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores de 1869. Citado em MANACORDA, M. *Marx e a pedagogia moderna*. Campinas: Alínea, 2010, p. 102.

⁸ - MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. SP: Boitempo, 2004, p. 108.

⁹ - REIS, Ronaldo Rosas. *Trabalho e conhecimento estético*. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 2, n.2 p.227-250, 2004. P. 233.

Diante dessa realidade, caberia um duplo processo centrado na ruptura com a concepção de propriedade, restituindo aos seres humanos a sua própria humanidade, pois somente com a

supressão da propriedade privada é, por conseguinte, a emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado humanos, tanto subjetiva quanto objetivamente. O olho se tornou olho humano, da mesma forma como o seu objeto se tornou um objeto social, humano, proveniente do homem para o homem.

(...) a carência ou fruição perderam, assim, a sua natureza egoísta e a natureza a sua mera utilidade (Nützlichkeit), na medida em que a utilidade (Nutzen) se tornou utilidade humana¹⁰.

A emancipação humana demandaria uma nova forma de pensar a educação. Em Marx, a educação deveria ser pensada como vinculada a todos os setores da sociedade, uma educação que não excluiria que seria pensada para um homem novo, um homem emancipado, libertado das amarras que o oprimiam na sociedade capitalista. Por isso mesmo a educação seria baseada em novos paradigmas. E o que seria a educação para Marx? Vejamos o que ele nos diz:

Por educação entendemos três coisas:

- 1) Educação intelectual.
- 2) Educação corporal, tal como a que se consegue com os exercícios de ginástica e militares.
- 3) Educação tecnológica, que recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e os adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos industriais.¹¹

Uma educação voltada para seu tempo, mas que ao mesmo tempo, radicalizava ao propor a interdição do trabalho infantil e de jovens nas indústrias. Entretanto, não negava a preocupação em preparar os estudantes para a realidade prática do mercado de trabalho. A educação não era vista

¹⁰ - MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. SP: Boitempo, 2004, p. 109.

¹¹ - MARX, K. Instruções aos Delegados do Conselho Central Provisório, AIT, 1868. In: Marx, K e Engels, F. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas, Navegando, 2011, p. 85.

unicamente como um espaço intelectual, mas também, como espaço de inserção dos jovens no mundo do trabalho enquanto lócus da criatividade. A escola assumiria nova dinâmica preparando os jovens a exercerem a plenitude criativa do homem, criatividade que aflorava pela ruptura com a opressão do trabalho no capitalismo.

Para Suchodolski, Marx traria uma complexidade de questões no âmbito da educação que compreenderia

os métodos deluta pelo ensino da classe trabalhadora; o programa de ensino baseado no progresso da ciência e a vinculação do trabalho escolar com o trabalho produtivo; a reivindicação de uma educação que desenvolva os homens em todos os aspectos; as perspectivas desse programa sob as condições do socialismo.¹²

Entretanto, somente após a Revolução russa, a educação seria efetivamente constituída sobre a influência do marxismo.

3- Educação e arte sobre o prisma bolchevique: a internacionalização de um projeto

A revolução russa redimensionará o papel da educação e da arte. Ambas eram lidas pelas lideranças bolcheviques como essenciais para um duplo processo: o de consolidação revolucionária e o de formação de novos quadros para o partido bolchevique.

A ação contra revolucionária estimulou a adoção de mecanismos de contenção que não se expressavam somente no emprego de aparato repressor. A educação e a arte eram vistas como formas de construção de identidade revolucionária sedimentando o apoio popular ao projeto bolchevique.

Nesse sentido, desde os primeiros momentos do governo bolchevique existiu uma preocupação em implementar uma política de combate ao analfabetismo, mediante a formação de grupos de jovens revolucionários que atravessariam o interior do país alfabetizando jovens e adultos. A alfabetização e o avanço da educação se apresentavam como uma forma de neutralizar a influência da igreja ortodoxa russa, importante instrumento de legitimação do czarismo.

O conhecimento visto como um mecanismo capaz de desconstruir o obscurantismo religioso, associado aos inimigos da revolução que queriam impedir a resolução da crise social e

¹² - WOJNAR, Irena (org.) **Bogdan Suchodolski**. Col. Educadores. Recife: Massangana e Fundação Joaquim Nabuco, 2010, p. 54.

econômica que mergulhava a Rússia, criaria uma leitura crítica de mundo enraizando os valores revolucionários na sociedade e, por conseguinte, fortalecendo o projeto revolucionário bolchevique.

Nesse sentido, após a Revolução Russa, as grandes revoluções marxistas-leninistas tinham na educação o primeiro campo de ação, em geral, centrada na ruptura com o analfabetismo e, num segundo momento, na universalização do acesso à educação e no desenvolvimento do ensino universitário fazendo mudar o perfil sócio-cultural do país.

No contexto pós revolução, a arte também se inseriu como um campo de atuação política bolchevique. A arte, em especial, a produção teatral eram vistos como espaços de mobilização das massas em torna da defesa da revolução e do projeto bolchevique. No período que antecedeu a eclosão revolucionária. São organizados

grupos auto-ativos, a maioria já existente, como o Komsomol, a União de Jovens Comunistas, apoiados pelo Partido e pelos Sindicatos, passaram a organizar, em torno de clubes operários, das fábricas e dos núcleos de bairros, diversas atividades culturais com o fim de educação política. Dentre as diversas atividades de agitação e propaganda, também chamadas de agitprop, levadas a cabo nos primeiros anos da Revolução destacavam-se as *troupes* ambulantes, os barcos e trens de agitação, festas de massa em Petrogrado etc.¹³

Nesse primeiro momento, organizar e fazer a revolução eram a tarefa primordial. Para isso, necessitava-se de uma nova forma de arte a proletkult – acrônimo de *Proletarskaia Kultura*, isto é, uma cultura purgada dos valores burgueses e de sua inserção enquanto mercadoria no mercado capitalista.

A *proletkult* defendia a plena autonomia da arte e do artista ante o Estado. Apostava numa linguagem inovadora e ágil, capaz de tocar o proletariado nas causas consideradas centrais na luta revolucionária. Nesse contexto, a *proletkult* e o agitprop se apresentam como importantes espaços de renovação da arte, assumindo um viés vanguardista na literatura, especialmente, na poesia com Vladimir Maiakóvski (1893-1930), e nos cartazes de propaganda. Um exemplo dessa arte se clarifica no poema abaixo de Maikóvski datado de 1929, intitulado Versos sobre o passaporte soviético:

¹³ - MITTELMAN, Tania. **A arte no Coletivo de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (1996-2006)**. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, PPGHIS, 2006, p. 7.

Versos sobre o passaporte soviético

Como um lobo
 estraçalharia
 à burocracia.
Às credenciais
 não lhes tenho respeito.
Que vão
 para o diabo
 todos os papéis!
Mas este...
Ao longo
 dos camarotes e beliches
movimenta-se
 um funcionário
 polido
 e obsequioso.
Cada qual entrega seu passaporte
 e eu entrego
minha caderneta escarlate.
Para certos passaportes,
 um sorrizinho de mofa.
Para outros,
 um desprezo sem par.
Com respeito,
 por exemplo, tomam
 os passaportes
com o leão britânico
 estampado
 nos dois lados.
Comendo o passageiro com os olhos,
 fazendo medidas e salamaleques,
pegam
 como se fosse uma gorjeta,
o passaporte
 de um americano.
Para o polonês
 olham
 como um cabrito para um cartaz.
Para a polonês,
 franzindo a testa
numa burrice de policial,
 olham como quem diz:
“De onde vem isto?
 Que novidade geográfica é esta?”
Mas é sem mover
 a cabeça de repolho,
sem sentir
 nenhuma emoção
que recebem
 passaportes dinamarqueses,
suecos
 e outros tantos.
De repente,
 como que lambida

Não cabe aqui avançar nesse tema, mas sim realçar como no Brasil e na América Latina essas leituras foram incorporadas de forma difusa e equivocada, não contribuindo para uma leitura marxista da arte e da educação, principalmente entre 1920 e 1960. Seria preciso esperar a revolução cubana para uma revolução na forma de olhar a revolução.

4- O impacto da Revolução Cubana e a dimensão cultural e educacional

A década de 1920 foi marcada pelo avanço do pensamento marxista na América Latina. Tal avanço foi fruto do processo revolucionário russo e da vitória bolchevique, o que resultou em diversos países na região, na criação e organização de partidos de corte bolchevique, isto é, partidos que se apresentam como comunistas, como por exemplo, o PCB criado no Brasil em 25 de março de 1922.

Estes partidos comunistas vão trazer para o centro dos debates a discussão de um projeto de cultura que traga a marca do popular e que incorpore o *agitprop* e a dimensão do *proletkult*. No Brasil, Octávio Brandão, Mário Pedrosa e Astrojildo Pereira procuraram posicionar o PCB em torno do papel do intelectual e da cultura na formação do militante. Mário Pedrosa, em especial, após sua expulsão do PCB em 1929, por ser ligado ao trotskismo, publicou diversos artigos acerca de uma estética revolucionária e de uma arte que fosse engajada, ligada à luta proletária para fazer a revolução socialista.

No entanto, seguramente o pensador mais original do período é José Carlos Mariátegui (1894-1930), marxista peruano que buscou unir uma produção teórica que ao analisar a realidade de seu país e da América Latina, não deixava de apontar um projeto cultural e educacional. Na revista *Amauta*, criada por Mariátegui em 1926, vários artigos foram publicados defendendo uma arte vanguardista para pensar a revolução e romper com a estética burguesa. Nela, Mariátegui proclamava, por exemplo, que

o sentido revolucionário das escolas ou tendências contemporâneas não está na criação de uma técnica nova. Não está tampouco na destruição da técnica velha. Está no repúdio, no despejar o mofo do absoluto burguês. A arte se nutre sempre, conscientemente ou não, — isto é o de menos — do absoluto de sua época.¹⁵

¹⁵ - MARIÁTEGUI, J. C. **Arte, Revolução e decadência**. Revista *Amauta*, nº 3, novembro de 1926. In: http://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/el_artista_y_la_epoca/paginas/arte%20revolucion%20y%20decadencia.htm. Em 12/08/2013.

Além disso, Mariátegui não deixou de refletir sobre o modelo educacional peruano apontando seu caráter excludente e clamando por uma reforma que universalizasse o ensino do básico ao superior para todos os peruanos. Sua proposta tornou-se um ponto debatido junto aos marxistas latino americanos no período. Entretanto, no caso brasileiro, o debate sobre reformas no ensino e sua universalização foi incorporado por setores progressistas, não marxistas que se articularam em torno do movimento escolanovista que, em 1932, apresentou o Manifesto dos Pioneiros da Educação.

A defesa de um projeto de educação e a valorização de uma cultura engajada voltaram ao centro dos debates entre intelectuais marxistas após a vitória da revolução Cubana em 1959. Uma das primeiras medidas da vitoriosa revolução foi o de implementar uma política de alfabetização no país que levou a UNESCO a reconhecer Cuba como o primeiro país latino americano a erradicar o analfabetismo em sua população.

Especialmente no Brasil, o impacto da revolução cubana foi significativo. Uma revitalização da luta pela educação pública e gratuita, pela sua universalização e, o mais significativo, por uma educação crítica que fomentasse a consciência política e consolidasse o ideário revolucionário junto aos trabalhadores.

É nesse contexto que se estrutura o Método Paulo Freire de Alfabetização. Ainda que inicialmente, Paulo Freire não se apresentasse como marxista, o embasamento teórico de seu projeto se pautava na leitura de Marx que lhe permitiria ver

o homem como ator / construtor de sua própria história, deixando de ser um mero objeto manipulado por falsas crenças e valores que legitimavam a subalternização. Sujeito construtor de sua própria história, o homem é um construtor coletivo fazendo o mundo em que vive.¹⁶

Buscando um aprendizado que tivesse como referência a própria realidade social do aluno, Freire rompia com um ensino abstrato onde a própria dimensão concreta da existência dos aprendizes se fragmentava na ilusão do mundo capitalista, do consumismo negado, na crença de um progresso social advindo da educação que, no entanto, jamais se materializava.

Mais ainda, defendia uma releitura da produção cultural no país assumindo que “*conscientizar é politizar. E a cultura popular se traduz por política popular: não há cultura do Povo, sem Política do Povo.*”¹⁷ Pensar a educação e a cultura de forma crítica e transformadora, buscar a construção coletiva de uma cultura popular, eis as algumas das ideias de Paulo Freire

¹⁶ - VIEIRA, Fernando A. da Costa. *Para além do projeto desenvolvimentista: Paulo Freire e sua proposta educacional*. In: MUNTEAL, Oswaldo MARTINS, P. E. M. **O Brasil em evidência: a utopia do desenvolvimento**. RJ: PUC RIO e FGV, 2012, P. 94.

¹⁷ - FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. RJ: Paz e Terra, 2002, p. 21.

vinculadas ao pensamento marxista, radicais ainda hoje no campo da educação no Brasil e na América Latina, por isso mesmo, questionadas e desqualificadas pelos conservadores quer na academia, quer nos governos e, mesmo, na grande mídia.

Entretanto, nem toda produção que marcou o período pode ser pensada como de base teórica marxista. Grande parte das mesmas, ainda que trouxessem uma profunda crítica à realidade social, não assumiam uma dimensão organizacional da luta dos trabalhadores em prol da revolução. Um exemplo disso foi o Teatro Experimental Negro (TEN). Criado em 1944, por Abdias Nascimento, realizavam montagens de peças acerca da realidade da população negra no Brasil. Compeças encomendadas em que os atores negros eram didaticamente ensaiados, o TEN vivenciou uma contradição ao assumir sua identidade negra, mas ao mesmo tempo, buscar o reconhecimento dos segmentos brancos que eram formadores de opinião na cultura.

Um ponto central na avaliação do TEN é que apesar de influenciado pelo marxismo, Abdias Nascimento não buscou fazer do teatro um espaço de luta política contra o modelo de exclusão social, prendendo-se à temática racial extremamente importante para o contexto histórico, mas que limitava o alcance político e organizacional do mesmo.

Os anos 1960 serão pródigos, na América Latina e no Brasil, de movimentos culturais influenciados pelo marxismo e que se posicionavam em favor de uma produção cultural crítica e conscientizadora. O Teatro do Oprimido, o CPC da UNE, o Cinema Novo trazem uma estética renovadora e uma busca de superação de uma arte distanciada da realidade social. Ainda que, em alguns casos, não se apresentassem como arte engajada, assumiam uma postura de ruptura com a passividade da produção artística.

Alguns autores, ainda que não assumissem uma produção visando organizar as classes trabalhadoras, usaram sua obra de sua poesia como um instrumento crítico ante a realidade social e política brasileira após 1964, como por exemplo, Ferreira Gullar. Isso fica patente no poema **Dois e Dois: quatro** (1966):

Dois e dois: quatro

“Como dois e dois são quatro
Sei que a vida vale a pena
Embora o pão seja caro
E a liberdade pequena
Como teus olhos são claros
E a tua pele, morena
Como azul é o oceano

E a lagoa serena

Como um tempo de alegria
Por trás do terror que me acena
E a noite carrega o dia
No seu colo de açucena

- sei que dois e dois são quatro
Sei que a vida vale a pena.
Mesmo que o pão seja caro
E a liberdade, pequena”¹⁸

A vitória da Unidade Popular com a posse de Salvador Allende no Chile, em 1970, revigorou a visão de uma arte e de uma educação comprometidos com a transformação social. Um sopro de esperança numa América Latina que se fechava em projetos culturais e educacionais vinculados ao mercado. Entretanto, apesar do avanço de políticas culturais centradas no *agitprop* e na *proletkult*, numa política de fortalecimento do acesso das camadas populares à educação pública, a reação cobrou seu preço. Após o golpe de 11 de setembro de 1973, assistiu-se a um processo de reforço da educação privada e do controle da produção cultural no Chile. Ambas deveriam ser purgadas da influência marxista e se vincular ao olhar autoritário e privatista de mundo trazido por Pinochet e pela burguesia chilena.

Inseridos numa sociedade marcada pelo fetiche do consumismo, a educação e a cultura passaram a ser lidas como um bem acessível aos detentores de capital, num processo que se acelerou com a crise do Bloco socialista e o fim da URSS. Esse período também assistiu uma contradição: de um lado, a retração do marxismo associado ao Bloco Socialista e visto, especialmente, pelos teóricos conservadores como um instrumental obsoleto; por outro lado, um revigoramento teórico do marxismo que livre dos dogmatismos impostos pela direção do PCUS pode refletir sobre novos temas e novas dimensões.

Com isso, o marxismo encontrou na América Latina campo fértil para refletir não só sobre a realidade social, política e econômica, como também, inovar sua leitura sobre a cultura e a educação na região. Nesse contexto, pode-se destacar o importante grupo de pesquisa que se originou em Campinas, a **Pedagogia Histórico-Crítica** que busca repensar o papel da educação pelo viés marxista.

¹⁸ - <http://pensador.uol.com.br/frase/MzgxNzY/Copiado em 10/09/2013>

Claro que, paralelamente, ocorreu uma significativa redução de projetos e movimentos que atuavam no campo cultural e educacional na região. Numa sociedade onde o consenso neoliberal se consolidou, pensar a cultura e a educação como um espaço de reflexão crítica e de organização revolucionária, tornou-se a quimera a ser retomada pelos marxistas visando a reconstrução de um projeto de ruptura com o capitalismo.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. RJ: Paz e Terra, 2002.

MANACORDA, M. *Marx e a pedagogia moderna*. Campinas: Alínea, 2010.

MARIÁTEGUI, J. C. **Arte, Revolução e decadência**. Revista Amauta, n° 3, novembro de 1926. In: http://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/el_artista_y_la_epoca/paginas/arte%20revolucion%20y%20decadencia.htm. Em 12/08/2013.

MARX, K. Instruções aos Delegados do Conselho Central Provisório, AIT, 1868. In: Marx, K e Engels, F. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas, Navegando, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. SP: Boitempo, 2004.

Marx. Simon Bolívarin: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1858/mes/bolivar.htm>. Copiado em 01/05/2012.

MARX, K. e ENGELS, F. **Escritos sobre arte**. Barcelona, Península, 1969.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã** vol.1. Lisboa e SP: Editorial Presença / Martins Fontes, s/d,

MITTELMAN, Tania. **A arte no Coletivo de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (1996-2006)**. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, PPGHIS, 2006.

MUNTEAL, Oswaldo e MARTINS, P. E. M. **O Brasil em evidência: a utopia do desenvolvimento**. RJ: PUC RIO e FGV, 2012.

REIS, Ronaldo Rosas. Trabalho e conhecimento estético. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 2, n.2 p.227-250, 2004.

WOJNAR, Irena (org.) **Bogdan Suchodolski**. Col. Educadores. Recife: Massangana e Fundação Joaquim Nabuco, 2010, p. 54.